



Em “O Simbólico e a Falácia da Pós-Modernidade”, Priscilla Rodrigues Simões revisita o debate da pós-modernidade a partir de autores como Bruno Latour, Jean Baudrillard, Guy Debord, Jean-François Lyotard, Gilles Deleuze, Fredric Jameson, Peter Pál Pelbart, Maria Rita Kehl, entre outros. A autora investiga a produção do desejo pela cultura do consumo contemporânea “que, através da instância simbólica, mina o imaginário social, produzindo subjetividades e implicando em novos modos de estar no mundo e de se relacionar socialmente”.

Os Editores



MUNDIALIZAÇÃO/GLOBALIZAÇÃO E A UNIDADE IMAGINÁRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA*

Alâna Capitano**

Resumo: Neste artigo, analisamos como a língua portuguesa é significada nas textualizações das páginas eletrônicas de eventos internacionais sobre língua portuguesa, organizados e promovidos pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP). Filiamos-nos à perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso conforme desenvolvida nos trabalhos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Ancorados nesta filiação teórico-metodológica, compreendemos a língua dividida, fluida, em movimento, constituída pelo político. A partir desse entendimento de língua, analisamos que há, em funcionamento, nas textualizações das páginas eletrônicas dos eventos internacionais sobre língua portuguesa, o imaginário da mundialização/globalização que produz efeitos de sentidos de que a língua portuguesa é a mesma língua em todos os países que foram colonizados por Portugal. Os sentidos que constituem esse imaginário produzem o silenciamento do processo de descolonização linguística que permitiu ao Brasil, e aos países de colonização portuguesa, terem sua própria língua, diferente da língua do colonizador.

Palavras-chave: Imaginário. Língua Portuguesa. Mundialização/Globalização.

PALAVRAS INICIAIS

Muitas são as maneiras pelas quais podemos iniciar um trabalho, muitos são os gestos (ORLANDI, 2012a) que podemos produzir e muitos foram os questionamentos que nos colocamos ao pensar em como iniciar a escrita deste artigo, porque a escrita, como nos diz Rancière (1995), é um ato político, um ato que não pode ser realizado sem significar. É um gesto de interpretação, gesto pelo qual sujeito e sentidos se constituem na e pela língua. Língua que consideramos dividida, constituída pela unidade e pela diversidade, pelo que desliza e permite o seu movimento, a sua fluidez. E, assim, observamos o funcionamento do político, sendo o político “o fato de que o sentido é sempre dividido, tendo uma direção que se especifica na história, pelo mecanismo ideológico de sua constituição” (ORLANDI, 2012b, p. 21-22).

Subsumindo este modo de reflexão sobre a língua e sobre o político, inscrita na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso, fundada nos trabalhos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, entre outros, trazemos para análise, neste trabalho, o discurso sobre língua portuguesa. Discurso constituído, formulado, posto em circulação em eventos internacionais sobre língua portuguesa, organizados e promovidos pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa – IILP, a partir das textualizações das

* Este artigo resulta de um recorte da dissertação de mestrado da autora, intitulada “Políticas de Língua(s) em Eventos Internacionais sobre Língua Portuguesa”, orientada pelo Prof. Dr. José Simão da Silva Sobrinho, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó, SC.

** Mestre em Estudos Linguísticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó, SC. E-mail: alana@unochapeco.edu.br.